



AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

VOLUME ESPECIAL - 2012

Resultados experimentais como forma de acesso ao conhecimento de fenômenos sintáticos e de interface¹

Ruth E. Vasconcellos Lopes (UNICAMP/CNPq)

RESUMO: Vamos explorar o uso de metodologia experimental em três cenários: (i) quando o fenômeno de interesse não está presente em dados de produção espontânea das crianças; (ii) em fenômenos em que há ambiguidade de interpretação e é impossível checar se a criança a percebe ou se opta por uma das interpretações possíveis apenas e, finalmente, (iii) quando o que se busca está na fala da criança, mas não necessariamente revela a gramática alvo. O ponto que faremos é que é preciso cavar um pouco mais fundo para achar os casos mais interessantes de descontinuidade entre a gramática infantil e a alvo, justamente aqueles que podem contribuir para um melhor entendimento tanto do processo de aquisição quanto da teoria da gramática.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; metodologia experimental; sintaxe; modelos formais

Introdução

O objetivo deste texto é explorar, ainda que não de forma verticalizada, o uso de metodologia experimental em trabalhos de aquisição de sintaxe e de fenômenos de interface, especialmente na interface sintaxe-semântica.

Conquanto toda a discussão, aqui, seja voltada para algumas técnicas experimentais que ilustrarão três cenários específicos que desejamos explorar, não se pretende preconizar que tais técnicas simplesmente substituam metodologias naturalísticas, como a coleta de diários e estudos baseados em corpora longitudinais ou transversais de produção espontânea. Antes, a metodologia discutida pode ser tomada como um contraponto às naturalísticas.

¹ O cerne deste texto foi apresentado na mesa-redonda “Questões metodológicas na investigação da aquisição da linguagem” durante o VIII ENAL/II EIAL, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Vamos explorar o uso de metodologia experimental em três cenários: (i) quando o fenômeno de interesse não está presente em dados de produção espontânea das crianças; (ii) em fenômenos em que há ambiguidade de interpretação e é impossível checar se a criança sabe disso ou a percebe ou opta por uma das interpretações possíveis apenas e, finalmente, (iii) quando o que se busca está na fala da criança, mas não necessariamente revela a gramática alvo.

Os cenários apontados obviamente não esgotam as possibilidades de uso de metodologias experimentais, pois ignoram várias outras possibilidades como, por exemplo, a de fenômenos marginalmente produzidos em dados espontâneos e que carecem de verificação quanto à sua consistência na gramática ou até mesmo períodos em que o bebê ainda não está falando mas já é capaz de compreensão, apenas para nomear algumas outras possibilidades dentre tantas.

A falta de algumas estruturas na produção espontânea da criança não pode ser tomada como a falta de seu conhecimento, sem maiores exames. Assim, a única forma de checar se a criança adquiriu ou não um aspecto particular de sua gramática é através de cuidadoso exame através de técnicas experimentais, algumas das quais bastante adequadas para aplicação em crianças muito novas que ainda não produzem muito. Ilustraremos esse ponto com a aquisição do quantificador universal em Português Brasileiro (PB), raramente encontrado em dados de produção e totalmente ausentes da fala de algumas crianças examinadas até os três anos – exceto por formas não flexionadas, no mais das vezes com um sabor adverbial. Quando confrontadas com uma tarefa muito simples de julgamento de valor de verdade com figuras, crianças de três anos mostraram que já haviam adquirido o quantificador. (cf. LOPES, 2011).

O segundo ponto será também ilustrado através do fenômeno dos quantificadores. Dessa vez, entretanto, sentenças ambíguas como (1) serão examinadas.

(1) Toda menina está andando em um barquinho

Sentenças assim não surgem na produção espontânea, mesmo de crianças mais velhas. Contudo, mesmo que estivessem presentes, teríamos que nos certificar de que as crianças tem a mesma interpretação que os adultos num dado contexto específico e que percebem a ambiguidade. Apresentaremos dois experimentos de LOPES (no prelo). Um deles mostra claramente que as crianças testadas tratam o quantificador universal como os adultos, enquanto o outro mostra uma clara preferência por uma das leituras possíveis – a distributiva – até bem mais tarde, em torno dos seis anos de idade.

O último cenário a ser examinado é o mais “enganador”, pois é aquele em que a criança até “soa” como um adulto, mas quando se examina sua gramática percebe-se que esta não funciona ainda como o esperado. Suas gramáticas podem ser mais restritivas em alguns casos ou menos restritivas em outros. O uso inicial de objetos diretos nulos no PB ilustra o primeiro caso (cf. LOPES, 2009), enquanto o último pode ser encontrado ao se examinar elipses de VP (cf. LOPES, 2010). Embora esses fenômenos sejam semelhantes e ambos possam ser encontrados muito precocemente na produção espontânea de crianças adquirindo o PB, comportam-se de formas distintas. Seu uso inicial do objeto nulo é bastante restrito a antecedentes específicos e não animados, geralmente em contextos dêiticos. Isso é possível na gramática da língua mas não é, certamente, a única opção. Nos casos das elipses de VP, que serão examinados neste artigo, crianças licenciam elipses, porém o fazem sem a reconstrução absolutamente paralela do antecedente, o que é impossível em gramáticas adultas.

Antes de passarmos ao exame dos cenários propostos, cabe um esclarecimento. Como o objetivo deste artigo é discutir questões metodológicas, não apresentaremos aqui as análises

para cada um dos fenômenos propostos, nem nos preocuparemos em mostrar a hipótese subjacente a cada caso e suas previsões.²

1. O primeiro cenário

Conforme pontuamos acima, a ausência de certas estruturas na fala infantil não pode ser tomada como falta de seu conhecimento. Assim, a única forma de checar se a criança adquiriu um tal aspecto particular da gramática é através de exame experimental cuidadoso.

Vamos ilustrar esse ponto com o exame da aquisição de quantificadores universais em PB, pouco encontrados em dados de produção espontânea.

Antes, porém, examinemos, ainda que superficialmente, o que ocorre com os quantificadores (Q) na língua. MÜLLER, NEGRÃO e GOMES (2007) mostraram que o mesmo item morfológico (todo) pode apresentar diferentes propriedades lexicais e se combinar ou com um NP ou com um DP, produzindo diferentes interpretações:

- (2) a. Q + NP_singular
b. Todo menino brinca com bola.
- (3) a. Q + DP_pl
b. Todas as bolas –tão numa caixa.
- (4) a. Adv + DP_sg
b. Todo o sofá está molhado.
- (5) a. Forma não flexionada
b. Tomou tudo a mamadeira.
c. As menina tudo saiu.

Segundo as autoras, (2) tende a produzir uma leitura distributiva e (3), uma coletiva. A forma em (4) é adverbial. Às formas apontadas por elas, acrescentamos, ainda, (5), sem flexão, que pode tomar uma leitura adverbial (b), a mamadeira toda/completamente, ou quantificada como em (c). Os dados acima mostram quão sutil e complexo é o fenômeno a ser adquirido.

ALGAVE (2008), analisando a produção espontânea de duas crianças entre as idades de 1;8 e 3;7, encontra, ao longo de todos os arquivos, 39 ocorrências, das quais apenas 26 são casos inequívocos de Q, como em (8) e (9), e os demais ou são formas adverbiais, no mais das vezes sem flexão como em (6), ou casos em que não se consegue decidir a leitura pretendida pela criança através do contexto imediato de interação. Vários dos casos encontrados referem-se, ainda, a uma das primeiras formas a entrar, “todo mundo” (7).

- (6) Tomou tudo o banhinho dela. (G. 3;6)
- (7) Tá fazendo a massa p(r)a todo mundo (AC. 3;0)
- (8) A(dulto): e aqui o que que aconteceu?
G: aconteceu que todos iam pra +...
A: aconteceu que todos foram pra fazenda? (G. 3;0)
- (9) Todas essas coisas de olhar no espelho e pentear. (G. 3;6)

² Para tanto, cf. as referências oferecidas ao longo do artigo.

Para assegurar que as crianças interpretam o quantificador universal, LOPES (2011) aplicou uma tarefa de compreensão, através da seleção de figuras, em que o quantificador universal sempre aparecia em posição de sujeito de sentenças simples com verbos inergativos de atividade. Foram testadas seis sentenças todas contra três figuras, uma verdadeira e duas falsas, sendo, neste caso, uma com um sujeito extra – sem fazer a atividade esperada – e uma com um sujeito extra e um distrator. Assim, para a sentença em (10) foram apresentadas as figuras em 1.

(10) Todo sapinho –tá lendo.

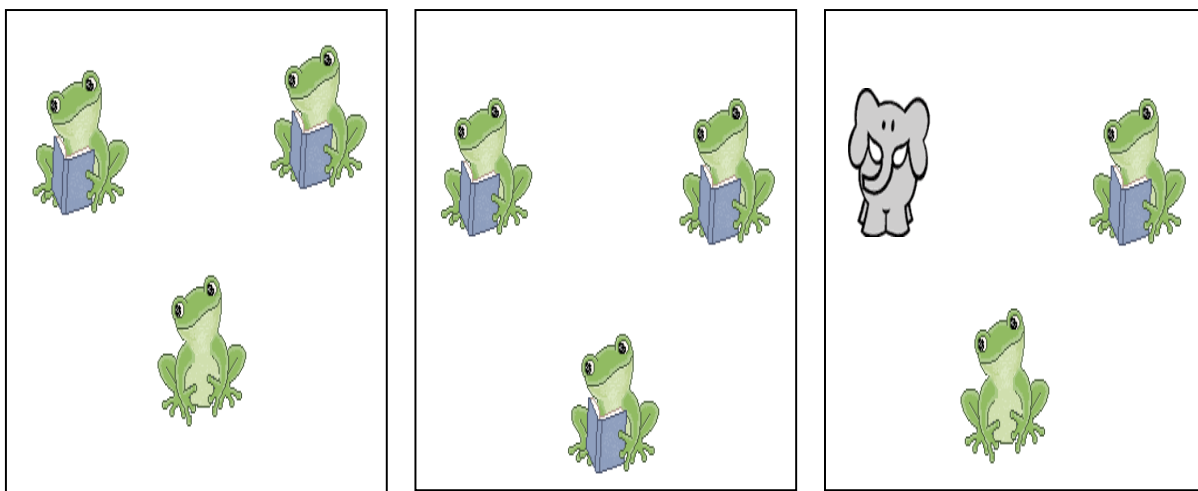


Figura 1: Figuras para seleção de valor de verdade contra a sentença (10).

Foram testadas 20 crianças entre 2 e 4 anos.³ A técnica funcionou bastante bem com as crianças de 3 e 4 anos, mas não com as de 2 anos que se perdiam com o excesso de informação das figuras. De toda forma, obteve-se, como média geral, 62% de interpretações esperadas.

Um teste como esse, entretanto, não tem muito a dizer sobre o que, exatamente, está vindo como resposta “adulta”. Seria o caso de as crianças terem mesmo a leitura adulta em que o quantificador opera sobre indivíduos (“é o caso que se x é um indivíduo então x está lendo”) ou, conforme resultados obtidos na literatura sobre aquisição de quantificadores em inglês, a criança está quantificando sobre eventos (“é sempre o caso que se há um evento de leitura então os sapatos estão participando dele”)?⁴

Para responder essa pergunta vamos ao nosso segundo cenário.

2. O segundo cenário

Agora temos a questão anterior e as ambiguidades em sentenças como:

(11) Todo homem ama uma mulher

³ Agradeço à Daniella Algave pela aplicação dos experimentos e ao CECI (Centro de Convivência Infantil) e à EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil Maria Célia Pereira) /Unicamp. Aprovação CEP 401/2008.

⁴ Para uma revisão sobre o assunto ver, entre outros, Meroni, Gualmini e Crain (2007).

em que, embora a leitura preferida seja a distributiva, em função da forma singular, cabe também uma leitura coletiva.

Como dissemos acima, sentenças dessa natureza não aparecem na produção espontânea; porém, mesmo que as encontrássemos, cabe saber como as crianças as interpretam.

Para ilustrar esse ponto, relataremos três experimentos (cf. LOPES, no prelo, para maiores detalhes). Os dois primeiros respondem a pergunta que ficou em aberto na seção anterior, ou seja, como as crianças quantificam. Veremos que como o esperado. O último mostra que as crianças tendem a atribuir uma interpretação distributiva a sentenças ambíguas.

Há uma grande discussão na literatura, conforme se pontuou acima, que crianças pequenas tenderiam a quantificar sobre eventos, distribuindo, então, de forma simétrica os indivíduos em posição de sujeito e de objeto. Assim, para uma sentença como (12), se as crianças tivessem que examinar o quadro do lado esquerdo na Figura 2, se forem “simétricas” diriam que a sentença é falsa. Se, contudo, responderem da mesma forma a um quadro como o que se vê do lado direito, então devem ser “exaustivas”, ou seja, computam todos os elementos do quadro como pertencentes a um evento que quantificaram. Porém, se as crianças tomarem a sentença como verdadeira, então é porque estão quantificando sobre indivíduos, no caso, “meninas”.

(12) Toda menina –tá segurando um cavalinho?

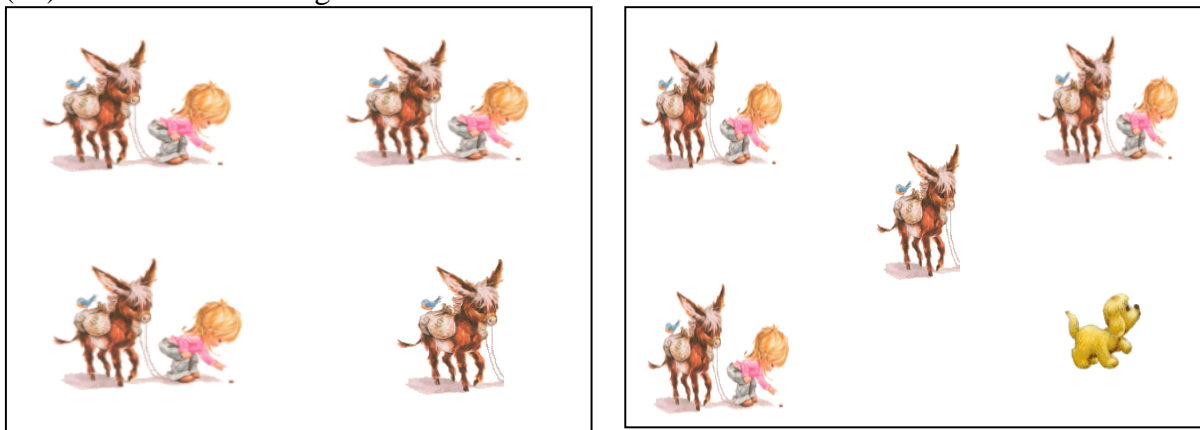


Figura 2: Quadros utilizados em técnica de julgamento de valor de verdade

Decidimos utilizar quadros com um objeto extra e um distrator, pois, por hipótese, se a criança é “exaustiva”, então é porque, necessariamente, é também “simétrica”, ao menos durante um certo estágio de aquisição.⁵ Ao invés de utilizarmos perguntas como (12), o que poderia gerar insegurança, na criança, trabalhamos com formas afirmativas e um pedido de confirmação (É isso mesmo, criança?), que sempre gera uma continuação natural para uma confirmação daquilo que a criança interpreta.

Testamos 40 crianças entre 3 e 6 anos (10 por grupo etário), com 10 sentenças além de preenchedores. Os resultados foram surpreendentes, pois obtivemos 81,5% de respostas adultas (326/400), o que mostra que a criança quantifica mesmo sobre indivíduos, como esperado. Contudo, para nos assegurarmos de que os resultados são relevantes, fizemos ainda um segundo experimento em que a criança teria condições de mostrar uma “super exaustividade”.

⁵ Para uma ampla discussão sobre esse ponto, inclusive em relação a questões de ordem metodológica, cf. Crain et al. (1996).

Roeper et al. (2004) chamam o tipo de figura que testamos de “espraiamento clássico”, entendendo por “espraiamento” o fato de o quantificador ter escopo sobre o evento e espraiar-se sobre o sujeito e o objeto, o que produz a “simetria” de distribuição dos elementos. Os autores, contudo, testam uma versão ainda mais forte dessa hipótese a que chamam de “espraiamento do coelho” (do inglês, *bunny spreading*). A Figura 3 mostra um possível cenário de teste.

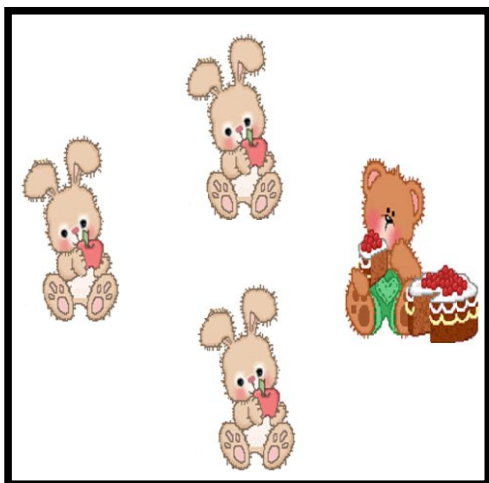


Figura 3: Figura de teste do “espraiamento do coelho”

Há um evento, por exemplo, de coelhinhos comendo maçãs, e mais algum outro evento que mantém o mesmo verbo, no caso, o de um ursinho comendo bolo. O experimento consiste em fazer com que a criança julgue o valor de verdade de uma sentença contra a figura; porém, apenas os coelhinhos e as maçãs são mencionados e não o ursinho e o bolo. Assim, em uma sentença como (13), se a criança responder que NÃO, então é porque está tomando o quantificador como um operador sobre o evento e não sobre os nomes.

(13) Todo coelhinho tá comendo maçã?

Foram testadas seis sentenças. Como a resposta esperada era positiva, então os preenchedores foram balanceados para respostas negativas. Ao todo foram testadas 34 crianças de 3 a 6 anos. Originalmente, testamos 20 crianças entre 5 e 6 anos, porém, todas apresentaram um comportamento adulto com 100% de acertos. Decidimos, então, testar crianças mais novas. Foram testadas, assim, mais 14 crianças entre 3 e 4 anos. A média geral de acerto foi de 89,2% de respostas adultas, ou seja, um comportamento que se pode considerar como convergente em relação à gramática alvo.

Se, por um lado, mostramos que as crianças quantificam sobre indivíduos, como os adultos, por outro, ainda nos restava mostrar como interpretavam sentenças ambíguas. Isso nos leva ao terceiro experimento a ser apresentado.

Lembremos, antes, que perguntas esse experimento quer testar. O que queremos saber é se a criança, diante de uma sentença ambígua, apresenta alguma preferência inicial por uma dada leitura e, no caso do PB, se essa leitura está vinculada ao ambiente morfológico em que o quantificador se encontra. Lembremos, também, que essa segunda parte deriva da análise de MÜLLER, NEGRÃO e GOMES (2007), segundo a qual um Q com um NP singular produz uma leitura distributiva (ver (2) acima) e um Q com DP plural produz uma leitura coletiva (ver (3) acima).

Para nos certificarmos de que o funcionamento da gramática adulta apresentaria as restrições morfológicas acima de forma clara, aplicamos, a 20 adultos entre 18 e 30 anos, um questionário *off-line* com quatro sentenças nas condições singular e plural em que logo abaixo de cada sentença viam-se duas paráfrases cada qual correspondendo a uma interpretação possível. Foram testadas sentenças como (14) com duas opções de resposta. As instruções indicavam que o sujeito poderia escolher uma ou ambas:

(14) Toda menina -tá num barquinho

- a. () Há 4 meninas e todas elas estão num mesmo barquinho
- b. () Há 4 meninas e cada uma delas está em um barquinho distinto

Obtivemos os seguintes resultados:

	Leitura distributiva	Leitura coletiva
<i>Condição</i>		
SINGULAR	97,5%	15%
PLURAL	47,5%	97,5%

Tabela 1: Porcentagem geral de leituras distributivas e coletivas por condição em adultos

Conforme se observa, embora os adultos aceitem tanto leituras distributivas quanto coletivas na condição “plural”, a associação entre uma dada interpretação dos quantificadores e o contexto morfológico da sentença é clara. Há uma óbvia preferência por interpretações distributivas quando a forma é singular e uma coletiva, quando plural.

Como precisávamos que a criança tivesse liberdade para mostrar uma dada interpretação, decidimos utilizar a técnica de encenação (*act-out*). As crianças recebiam brinquedinhos e tinham que interpretar a sentença com eles, ou seja, montá-los, como quisessem, de forma a representar a sentença ouvida. Sempre foi disponibilizado um brinquedinho extra correspondendo ao objeto da sentença porque ainda queríamos ver se a criança tinha a necessidade de ser exaustiva ou não, o que não ocorreu.

Assim, para uma sentença como (15) havia dois cenários possíveis a ser montados, conforme as figuras criadas em 4.

(15) Toda girafa –tá debaixo de uma árvore.

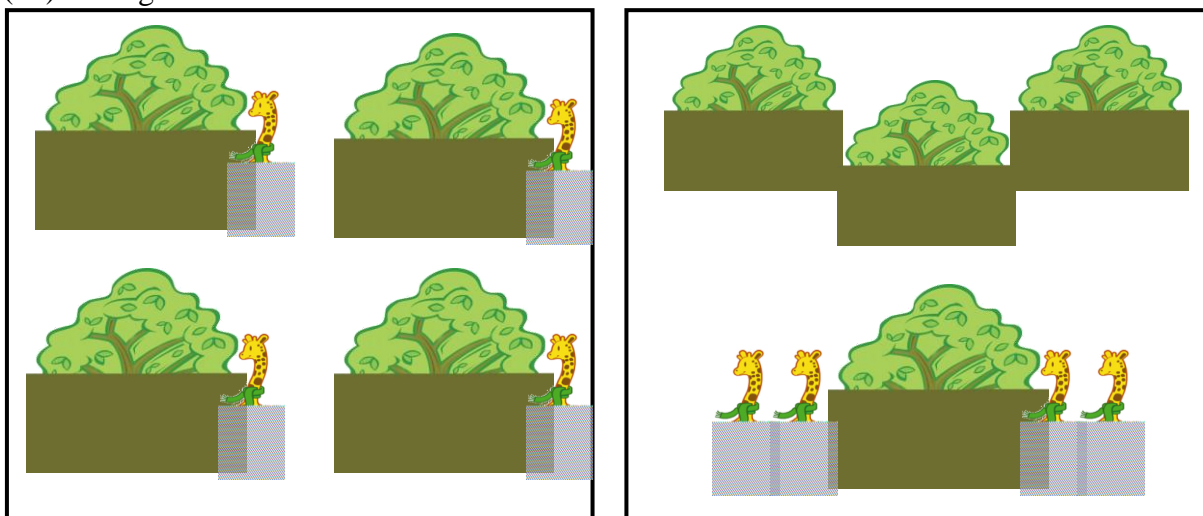


Figura 4: Possíveis montagens para a sentença (15) na tarefa de encenação.

Foram testadas 40 crianças entre 3 e 6 anos (10 por grupo etário), com 6 sentenças, sendo três na condição singular e três, na plural, além dos preenchedores.

	Leitura coletiva	Leitura distributiva
<i>Condição</i>		
SINGULAR	26,6%	73,4%
PLURAL	15%	85%
Total	20,8%	79,2%

Tabela 2: Porcentagem geral de leituras distributivas e coletivas por condição nas crianças

Percebe-se que, independentemente da condição morfológica, as crianças têm uma clara preferência pela leitura distributiva. Essa preferência não se mostrou sujeita à faixa etária nas crianças examinadas. Isso deixa em aberto, então, descobrir-se quando as crianças deixam essa fase de uma leitura distributiva preferencial para convergir completamente na gramática adulta.

3. O terceiro cenário

O que torna a linguagem infantil tão atrativa, até para leigos, é o fato de ser diferente da adulta. Para os pesquisadores da área, entretanto, as eventuais descontinuidades entre a gramática adulta e a infantil podem ser muito reveladoras sobre a teoria do estado inicial da Faculdade da Linguagem – a Gramática Universal (GU) – ou sobre os diferentes estados da Faculdade da Linguagem propriamente ou, ainda, sobre a teoria da gramática. Dados infantis atuariam, nesses casos, como fonte de evidência empírica sobre aquilo que se propõe teoricamente.

Mas e quando as crianças parecem se comportar como adultos? Devemos apenas ignorar esses dados? Quero aqui mostrar que, ao contrário, é justamente quando a criança “soa” adulta que precisamos investigar com mais cuidado o que está ocorrendo para nos certificarmos que sua gramática apresenta funcionamento similar ao esperado. Para tanto, vamos nos focar, agora, nos casos de elipse de VP.

O português, tanto o europeu quanto o brasileiro, licenciam elipses de VP com verbos auxiliares ou principais, diferentemente de outras línguas românicas.⁶ Vê-se, pelas versões propostas para o inglês, que o mesmo ocorre naquela língua, embora com auxiliar ou suporte do DO; em outras palavras, para o inglês, uma língua em que não há movimento de verbo para fora do VP, é preciso haver algum material no núcleo de T para que a elipse seja licenciada.

(16) A Dora –tá limpando o carro com a esponja e o Diego também tá.

Dora is cleaning the car with a sponge and Diego is too.

(17) A Dora limpou o carro com a esponja e o Diego também limpou.

Dora cleaned the car with a sponge and Diego did too.

Elipses estão sujeitas a condições de recuperabilidade do antecedente e licenciamento sintático. Uma sentença como (18), em inglês, é sintaticamente boa, o que mostra que foi

⁶ Ver Cyrino e Matos (2002) e (2005), por exemplo.

licenciada, mas é impossível recuperar o antecedente em um “contexto do nada” (*out-of-the-blue*). Por outro lado, recuperamos o NP (livros) em (19), mas a elipse nominal não é licenciada sintaticamente no inglês.

(18) # I do [VP -] too. [out-of-the-blue-context]

(19) * John bought a red book, and Mary bought a red [NP -] too.

Não vamos explorar as condições de licenciamento de elipses aqui, mas somente a questão da recuperabilidade do antecedente.

Segundo a visão mais tradicional, a recuperação do antecedente deve obedecer a uma condição de paralelismo morfológico estrito, também conhecida como condição de isomorfismo estrutural.⁷ Assim, apenas a opção em (20a) é uma elipse, mas não aquela em (20b):

(20) Dora conheceu um fulano no Pará e depois Diego também conheceu.

a. = <um fulano no Pará>

b. ≠ <alguém>

A pergunta é: crianças pequenas são capazes de recuperar e identificar o antecedente em elipses de VP de forma adulta? As respostas disponíveis na literatura apontam que sim. Na realidade, desde muito cedo ouvimos crianças muito pequenas fazendo elipses no PB, quer de VP, em respostas curtas a perguntas polares, ou nominais:

(21) Adulto: Tomou remédio também?

Criança: Tomou. (AC. 2;3)

(22) Num cenário com muitas bolas coloridas: Quero a [-] vermelha.⁸

Alguns estudos experimentais sobre elipse de VP em inglês também responderam afirmativamente a pergunta acima. Postman et al. (1997), por exemplo, aplicaram uma tarefa de imitação a crianças entre 2;7 e 3;11 anos, mostrando como as crianças, mesmo muito novas, são capazes de identificar o antecedente e substituí-lo pela elipse:

(23) Experimentador: Bert wipes his nose and Mickey wipes his nose too.

O Bert limpa seu nariz e o Mickey limpa seu nariz também.

Criança: Bert wipes his nose and Mickey does too. (2;10)

Bert limpa seu nariz e Mickey também limpa.

Thorton & Wexler (1999) propuseram que as crianças são sensíveis à restrição de paralelismo estrutural que eles tomam como ianto e, portanto, a previsão é que “children will not violate [it]” (p. 118).⁹ Os autores aplicaram a Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade que consiste em contar uma história para a criança com o apoio de brinquedos. Ao final será dita uma sentença (a sentença teste) que será julgada como falsa ou verdadeira pela criança. O

⁷ Há problemas com uma visão muito forte dessa condição que ignoramos aqui por conta da opção de nos atermos a questões metodológicas apenas. Ver, contudo, Hardt (1993) ou Merchant (2001), entre outros.

⁸ Exemplo criado.

⁹ “Crianças não a violarão”.

importante nessa tarefa é que as duas possibilidades sejam plausíveis dados os cenários da historinha.

Os autores testaram, em crianças de 4;0 a 5;1 anos, sentenças como (24):

(24) The caveman kissed the dinosaur and Fozzie Bear did too.

O homem das cavernas beijou o dinossauro e o Fozzie Bear também beijou.

em que o sentido verdadeiro (o homem das cavernas beijou o dinossauro e o Fozzie Bear beijou sua própria mão), segundo a historinha, não era uma elipse, enquanto o sentido falso (o homem das cavernas beijou o dinossauro e o Fozzie Bear beijou também), era. Assim, se as crianças recuperassem a elipse de VP <beijou o dinossauro>, então deveriam responder NÃO, já que o Fozzie Bear beijou sua própria mão. De acordo com os autores, as crianças rejeitaram a sentença-teste 100% das vezes (ver p. 178).

Grodzinsky (2005), entretanto, sugere que isso tem a ver com o fato de que as crianças precisavam aceitar um evento transitivo no antecedente e um reflexivo na elipse a fim de aceitar as sentenças em (24). Nesse caso, o experimento não está exatamente mostrando que as crianças são capazes de recuperar o antecedente como em uma gramática adulta. A pergunta crucial, então, é se com um experimento mais adequado – dando à criança a possibilidade de interpretação não adulta – a criança aceitaria casos de não convergência entre antecedente e elipse.

O experimento que vamos discutir, a seguir, foi apenas pilotado em algumas crianças adquirindo inglês. No entanto, os resultados são promissores no sentido da previsão de Grodzinsky (op. cit.).

O experimento consistia em uma tarefa de julgamento de valor de verdade com figuras. Manipulamos a relação entre o antecedente e a elipse em termos (i) coincidentes (elipse = antecedente) e (ii) não coincidentes. Neste último caso, as condições envolviam diferentes adjuntos, objetos ou ambos. Também havia uma condição em que a elipse “intransitivizava” o verbo do antecedente, tornando-o um verbo de atividade, em que a leitura deveria ser a de que o sujeito da oração coordenava fazia uma atividade sem objeto específico.

(25) Dora is reading a book in the kitchen and Diego is too.

Dora está lendo um livro na cozinha e Diego também está.

a. Diego is reading a book in the kitchen

Diego está lendo um livro na cozinha

b. Diego is reading the newspaper in the kitchen

Diego está lendo o jornal na cozinha

c. Diego is reading the newspaper in the bedroom

Diego está lendo o jornal no quarto

d. Diego is reading a book in the bedroom

Diego está lendo um livro no quarto

e. Condição Intransitiva: Diego is reading (stuff)

Diego está lendo (qualquer coisa)

Depois de apresentadas as figuras (como em (5)), eram ditas as sentenças-teste a que a criança deveria reagir e dar um prosseguimento (É isso mesmo? Por que? Me conta...)



Figura 5: Desenhos apresentados para o julgamento de sentenças como (25) em inglês.

Testamos nove crianças, mas tivemos que descartar os resultados de três delas por motivos diversos. As seis crianças restantes tinham idade média de 4;9 anos (entre 4;6 e 5;6) e os resultados mostraram uma média geral de 79% de interpretação adulta.¹⁰

O que é muito interessante em relação a esses resultados é que na condição coincidente (a), as crianças apresentam 100% de acertos. Os 21%, portanto, de interpretação não adulta referem-se às condições não coincidentes (b a e), conforme se vê no gráfico abaixo. Foram testadas sentenças com auxiliar (como em (16)) e com suporte -do (como em (17)).

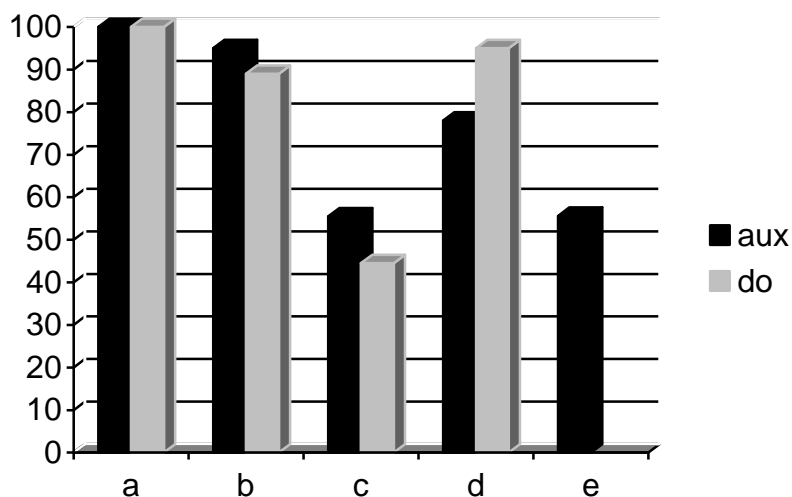


Gráfico 1: % de respostas esperadas nas condições coincidente (a) e não coincidentes (b a e)

¹⁰ No mesmo espírito, Santos (2009) fez um teste para o português europeu utilizando a técnica de Julgamento de Valor de Verdade a partir de historinhas. Lopes (2012) replicou os testes de Santos para o português brasileiro. Os resultados das duas pesquisadoras mostram que a criança se comporta como o adulto na condição coincidente, mas dadas as condições adequadas, mostra uma gramática bem mais ampla aceitando também como elipse antecedentes distintos, testados nas condições não coincidentes.

Esses resultados, ainda que iniciais, confirmam o que há na literatura prévia e na produção espontânea das crianças. Se há coincidência entre o antecedente e o sítio da elipse, a criança se comporta como o adulto. Contudo, revelam algo muito interessante que passaria ao largo se apenas a produção espontânea fosse examinada ou apenas condições coincidentes fossem testadas, que a gramática infantil é bem menos restritiva do que a adulta. Certamente esses resultados devem ser interpretados à luz das condições de licenciamento das elipses, o que deixamos aqui de fora em função de nossos objetivos neste artigo.

À guisa de conclusão

Embora não tenhamos explorado as hipóteses e previsões que motivaram cada um dos experimentos apresentados, parece desnecessário reafirmar que, trabalhando com modelos formais fortes, como a Teoria Gerativo-Transformacional, está aí a roda motriz de tudo. Evidências experimentais existem para sustentar ou não as previsões derivadas de uma hipótese. Apenas a título de exemplo, tomemos a discussão feita no “Cenário 2” sobre a possibilidade ou não de as crianças adquirindo o PB interpretarem o quantificador atuando sobre eventos e não sobre indivíduos. Nossa hipótese inicial era que, em línguas em que há concordância nominal morfológica manifesta, a criança desde cedo teria evidência clara de que o quantificador atua sobre o nome. A previsão, então, é que, em uma língua como o inglês, sem concordância entre o quantificador e o nome, a criança não tomaria o quantificador como atuante sobre o elemento nominal, interpretando-o como um quantificador sobre o evento, com os efeitos discutidos naquela seção. Decorre, naturalmente, que em PB não se observasse esse estágio no desenvolvimento da gramática infantil.

Um último ponto. Experimentos devem sempre “jogar contra a banca”, ou seja, jogar na hipótese nula. Dadas as condições ideais – que jogam sempre contra a hipótese – podemos nos surpreender com os achados. E isso nos leva de volta ao lema inicial. Eventualmente é preciso cavar um pouco mais fundo para achar os casos mais interessantes de descontinuidade entre a gramática infantil e a alvo.

ABSTRACT: We will examine the use of experimental data in three research scenarios: (i) when the phenomenon of interest is not present in children’s spontaneous production data; (ii) when it is present but it is impossible to check the intended interpretation the child meant for a specific structure, (iii) when it is present but does not necessarily reveal an adult-like grammar. Our main point in this paper is to show that one has to dig deeper than children’s superficial production to find the most interesting cases of discontinuity between children’s and adults’ grammars, those that can contribute both to the field of language acquisition and theory of grammar as well.

Key-words: language acquisition; experimental techniques; syntactic phenomena; formal approaches

Referências

ALGAVE, D. A aquisição do quantificador universal em português brasileiro: uma investigação preliminar de sua produção. *Revista do GEL*, v. 5, n. 2, p. 89-101. 2008.

CRAIN, S.; R. THORTON; C. BOSTER; L. CONWAY; D. LILLO-MARTIN & E. WOODAMS. Quantification without qualification. *Language Acquisition*, v. 5, p. 83-153. 1996.

CYRINO, S.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 177-195. 2002.

CYRINO, S. MATOS, G. Local licensors and recovering in VP ellipsis. *Portuguese Journal of Linguistics*. v. 4, n. 2, p. 79-112. 2005.

GRODZINSKY, Y. Ellipsis in deficient language users: Parallels (and divergences) in parallelism. Artigo apresentado como Conferência Plenária durante o GALA 2005, University of Siena. 2005.

HARDT, D. VP ellipsis, form, meaning and processing. Ph.D. Dissertation, University of Pennsylvania. 1993.

LOPES, R. E. V. Quantifiers in a nominal agreement language: acquisitional cues. In: Stavrakaki, S., Konstantinopoulou, P. & Lalioti, M. (Eds) *Advances in Language Acquisition*. London, Cambridge Scholar Publishing. no prelo.

LOPES, R. E. V. Do children entertain silence? Artigo apresentado no 42 Linguistic Symposium on Romance Languages. Utah, EUA. 2012.

LOPES, R. E. V. How children distribute. Artigo apresentado no 41 Linguistic Symposium on Romance Languages. Ottawa, Canada. 2011.

LOPES, R. E. V. (How) Children entertain silence? Artigo apresentado no UUSLAW, UConn. 2010.

LOPES, R. E. V. Aspect and the acquisition of null objects in Brazilian Portuguese. In: J. ROTHMAN; A. PIRES (eds) *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition*. Berlin/NY: Mouton de Gruyter. 2009.

MERCHANT, J. *The Syntax of Silence. Sluicing, Islands and the Theory of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press. 2001.

MERONI, L.; ANDREA GUALMINI & STEPHEN CRAIN The strength of the Universal Quantifier in child language. *Proceedings of the 2nd GALANA*. Somerville, MA: Cascadille Press, p. 277-284. 2007.

MÜLLER, A.L.; NEGRÃO, E.; GOMES, A.P. “Todo” em contextos coletivos e distributivos. *DELTA*, v. 23, p. 71-95. 2007.

POSTMAN, W.; FOLEY, C; SANTELMANN, L.; LUST, B. Evidence for Strong Continuity: New experimental results from children’s acquisition of VP-ellipsis and bound variable structures. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 31, p. 327-44. 1997.

ROEPER, T; STRAUSS, U. PEARSON, B. The acquisition path of quantifiers: Two kinds of spreading. UMass, ms. 2004.

SANTOS, A. L. Early VP ellipsis: production and comprehension evidence. In: J. ROTHMAN; A. PIRES (eds) *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition*. Berlin/NY: Mouton De Gruyter. 2009.

THORNTON, R.; WEXLER, K. *Principle B, VP ellipsis and Interpretation in Child Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press. 1999.

Data de envio: 01/05/2012

Data de aceite: 01/08/2012

Data de publicação: 15/03/2013